

## **A DIVERSIDADE HUMANA NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA RELIGANDO TEORIA E PRÁTICA**

Débora Rocha Carvalho (UNIFOR) [deboradrc@gmail.com](mailto:deboradrc@gmail.com), Jacqueline Rosa (UNIFOR), [keline.mariano@gmail.com](mailto:keline.mariano@gmail.com), Terezinha Joca (UNIFOR) [terezinhajoca@unifor.br](mailto:terezinhajoca@unifor.br)

### **Resumo**

Trata-se de um estudo de natureza descritiva através do relato de experiência em um estágio de Psicologia, que pretendeu apresentar um cenário de aprendizagens oportunizado pelo Programa de Apoio Psicopedagógico, o qual se configura como um ambiente desafiador de uma Instituição de Ensino Superior. O estudo teve como objetivo geral: apresentar de forma clara os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos em uma experiência de estágio em Psicologia Educacional em IES. O qual proporcionou a práxis e aquisição de conhecimento teórico através da interface entre a Psicologia e a Educação Inclusiva, além de agregar conhecimentos de ações do psicólogo como agente de mudança na promoção da aceitação da diversidade e do respeito aos direitos humanos. O estudo fez uso do referencial teórico advindo da Psicologia e da Educação, o qual promoveu leituras, reflexões e discussões sobre a importância do estágio que abarca a aceitação da diversidade humana como a criação de um lastro para uma boa formação acadêmica do psicólogo. Os resultados do estudo explanaram sobre um novo espaço de atuação para o psicólogo e concluiu-se que um olhar de aceitação das diferenças gerou conhecimentos imperativos à prática do psicólogo na perspectiva de uma educação do século XXI.

*Palavras-chave:* Educação Inclusiva em IES. Diversidade humana. Psicólogo em formação.

## Introdução

Tomadas por um exercício teórico/prático agregador de valores na formação de psicólogas, propõe-se neste artigo explicar um relato de experiência a partir do estágio desenvolvido no programa de apoio aos estudantes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), por duas alunas do Curso de Psicologia. E, este relato, teve como objetivo geral: apresentar de forma clara os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos em uma experiência de estágio em Psicologia Educacional em IES. E como objetivos específicos compreende-se: expor a necessidade de conhecimentos para prática de aceitação da diversidade; arrazoar sobre a inovação para escuta psicológica dos estudantes universitários; refletir sobre acrescentar conhecimento e prática na área da Psicologia Educacional diante da diversidade. A fim de pensar uma educação mas globalizante e incluyente, como assinala Morin (2005, p. 20) que “o conhecimento torna-se pertinente quando é capaz de situar toda informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global no qual se insere”.

Com a proposta de dialogar com os autores da área da educação e psicologia, o referencial teórico contou com autores como Guzzo (2007), Morin (2003, 2005, 2007, 2011), Castanho e Freitas (2006), Patto (2002), Petraglia (1995), Prette (2008) e Yamamoto (2010).

Uma vez que os Cursos de Psicologia não apresentam uma grade única para as instituições, mesmo que proponha uma composição básica a todos, o curso muda em cada Instituição de Ensino Superior – IES e, para nossa formação, escolhemos duas entre as três ênfases apresentadas: 1. Processos Educativos e Sociais e 2. Processos Clínicos e Intervenções em Saúde, como área de aprofundamento e crescimento, em nossa formação acadêmica. Com o intuito de ampliar uma proposta engessada da grade curricular, a UNIFOR passou por transformações em seu fluxograma e atualmente apresenta-se de acordo com as novas diretrizes do MEC, que reflete a ideia de Morin (2005, p. 27) quando afirma que

Uma vez que a complexidade dos problemas de nosso tempo nos desarma, torna-se necessário que nos rearmemos intelectualmente, instruindo-nos para pensar a complexidade, para enfrentar os desafios da agonia/nascimento desse interstício entre os dois milênios, e tratar de pensar os problemas da humanidade na era planetária.

A busca por experiência teórica e prática em Psicologia Educacional no Ensino Superior ocorreu a partir da possibilidade de estágio, em um espaço que não exclui o diferente, como o Programa de Apoio Psicopedagógico – PAP. Pensando em contribuir e crescer com a experiência porque “uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril (MORIN, 2003, p. 24). Pois havia forte interesse em conhecer o papel do Psicólogo Educacional em IES, a partir de uma perspectiva da aceitação e respeito à diversidade humana, através da proposta de inclusão e promoção de acessibilidade às pessoas com deficiência (PcD) e aqueles que apresentam necessidades educacionais específicas (NEE).

Nesse sentido, Joca, Montenegro e Dias (2010, p.02) assinalam:

Professores e equipe técnica muitas vezes não sabem como agir diante da diversidade de seus alunos e as deficiências passam a serem mais evidentes, provocando muitas retenções nas disciplinas dos cursos e mostrando um quadro de inclusão marginal, quando esse aluno passa a ser rejeitado e alvo de preconceito advindo de professores e alunos.

O que sugere que a reforma para uma educação assertiva deve partir dos professores para que possa vir a fecundar os conhecimentos numa prática assertiva e vir a florescer através da articulação das disciplinas e da aceitação da diversidade humana.

Assim, o PAP, que foi criado em 2005, a partir da proposta de Educação para Todos apresentado na Declaração de Salamanca em 1994, a partir do paradigma da inclusão, após três anos, percebeu que havia pouca oferta de estágio para psicólogos em IES e passou a ofertar estágio em Psicologia Educacional aos estudantes da UNIFOR, por acreditar que “a compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seu sofrimento e suas alegrias” (MORIN, 2003, p.51).

Em consonância a tudo que vem sendo dito, no momento de escolhermos o estágio em Processos Educativos e Sociais, decidimos por um espaço que nos proporcionasse a possibilidade de religarmos teoria e prática, considerando a diversidade humana e como Joca e Cavalcante Jr. (2010, p. 95) que “a instituição educacional deve atentar para o imperativo ético de seguir além do conhecimento racional, explorando e estimulando os vários talentos na diversidade de aprendentes”. Desse modo, além de oferecer nossa escuta clínica, procuramos atuar como agentes de mudança e fomentar a cultura da inclusão fundamentada na diversidade humana e agregando em nossos conhecimentos e

atividades o apoio psicopedagógico aqueles que apresentavam necessidades educativas especiais durante o percurso acadêmico.

## **Metodologia**

Este estudo consistiu em um relato de experiência que descreve aspectos vivenciados pelas autoras, no período de estágio curricular em um programa de apoio aos estudantes em uma instituição de Ensino Superior, nominado de Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP), responsável pela acessibilidade e inclusão dos alunos. Que ocorreu no período de março a dezembro de 2015, em uma Instituição de Ensino Superior, da rede particular de ensino. Apresenta-se um olhar qualitativo, que abordou a problemática desenhada a partir de métodos descritivos e observacionais, a fim de descrever o que foi vivido por duas estagiárias no programa, com a proposta de religar teórica e prática, além de apoiar a comunidade acadêmica.

Os procedimentos para fundamentar a elaboração desse trabalho incluem uma revisão bibliográfica acerca das temáticas aqui abordadas como inclusão educacional, escuta psicológica, diversidade humana e a educação na perspectiva dos sete saberes (Morin, 2011), além da avaliação dos registros das próprias autoras sobre suas experiências vividas no dia a dia do programa. Periodicamente foram feitas reuniões para se discutir o andamento do referido artigo para com isso compilar informações relevantes para a construção dessa pesquisa e estabelecer um diálogo com os autores, capaz de religar teoria e prática.

## Resultados e discussões

### *1. Programa de apoio aos estudantes: via de mão dupla*

Um programa de apoio em IES pode ser visto como mais um setor de atendimento pedagógico ao aluno, mas a proposta de abranger o estágio curricular de alunos do Curso de Psicologia trouxe resultados significativos e impactos positivos na formação do psicólogo e fez a (re)ligação entre diversos saberes aliado à prática. Isso porque “a educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS et al, 2004, p.89). Desse modo, pode-se afirmar que o estágio no PAP foi de fundamental importância em nossa formação acadêmica, uma vez que nos acrescentou de forma teórica e prática possibilidade de participar do cenário educacional, em suas variadas dimensões por meio dos atendimentos individuais através do apoio emocional e educacional aos alunos. Isso porque “compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade” (MORIN, 2007, p.55).

A proposta do programa abre um leque de opções que desenvolve habilidades cognitivas e emocionais no estudante, reconhece a sua responsabilidade diante do coletivo e instiga ao comprometimento com a profissão desde os muros acadêmicos. Nesse sentido, percebe-se que “a EDUCAÇÃO deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (MORIN, 2002, p. 65).

Pensando na formação do psicólogo e em uma forma assertiva de atender o aluno. Como seu próprio crescimento durante o processo acadêmico e em sua própria vida. O programa leva o estagiário a desenvolver dedicação e interesse, o que resulta em uma experiência rica em conhecimentos junto à prática. Como também, promove através de atitudes acolhedoras a possibilidade do aluno ressignificar questões emocionais ou educacionais que possam vir influenciar no fazer acadêmico desse aluno. Isso porque acreditamos que seja necessário “a superação e o desmoronamento de toda e qualquer fronteira que inibe ou reprime, reduzindo e fragmentando o saber e isolando o conhecimento em territórios delimitados” (PETRAGLIA, 1995, p. 74).

Nota-se que o estágio desenvolvido promove o contato com o mundo do outro e constata-se cada vez mais a diversidade humana e a necessidade de respeito e de

desenvolvimento de habilidade para lidar com todos na comunidade acadêmica, promovendo oportunidades para o exercício da cidadania. E desse modo, percebe-se que o aluno desenvolve formas de relacionar-se consigo e com o mundo ao seu redor e essas percepções se entrelaçam revelando o caminho para uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, pode-se afirmar que:

Para que as escolas possam negociar com a diversidade dos estudantes, evitando pontos de estagnação e conflitos, é necessária uma proposta educacional que visualize reunidos, caminhos e talentos individuais no papel de uma escola empenhada no crescimento dos seus aprendentes enquanto sujeitos (JOCA, p.04)

Além disso, o manuseio com a prática do atendimento psicológico perpassado pelos saberes adquiridos oferece oportunidade para o estagiário elucidar as suas habilidades e instrumentos para um processo de aconselhamento psicológico, além de praticar a ética do sigilo tão importante e necessária em nossa à profissão. E desse modo gera um enriquecimento numa via de mão dupla, ganha o estagiário como psicólogo em formação e ganha o aluno ao qual se presta o atendimento. E nos sugere que “a pedagogia precisa ser educada a fim de sair de seu limbo acomodado das regras rígidas para uma situação de inovação e criatividade (JOCA; CAVALCANTE JUNIOR, 2010, p.92)

As escutas desenvolvidas partem de uma fala autêntica dos alunos que procuram o programa, por ser um espaço que respeita as singularidades. E aceita a pessoa como responsável pelo seu próprio discurso, reconhecendo-o como sujeito que busca ter voz e constituir-se a partir de suas escolhas e dessa forma proporcionar o empoderamento e o reconhecimento de ser coparticipante de seu processo acadêmico. Em contrapartida, caso seja “reduzida a sua condição de fazer-se sujeito, poderá abortar os seus sonhos ao se deparar com o estigma de incapaz, seja de diferente, por não respeitar ou cumprir o padrão esperado (rótulos que, eventualmente, poderão ocasionar sua marginalização) (JOCA; CAVALCANTE JUNIOR, 2010, p.90). Nota-se, que os atendimentos realizados para acompanhamento do aluno levam o sujeito a refletir e a se implicar em seu processo acadêmico e vida pessoal.

Com isso, não se pretende modificar a forma do estudante ler o mundo e a forma de gerir sua vida pela forma daquele que o acompanha no programa de apoio, mas que o “sujeito possa retomar a mobilidade interpretativa necessária para delinear a singularidade de sua história e do seu desejo” (BIRMAN, 1991, p.138).

Esse movimento de acolhimento e aceitação passa a ser uma via de mão dupla pois há um respeito pela escolha da abordagem do psicólogo em formação, que ainda se

encontra em processo de formação e enquanto exerce os primórdios da sua profissão, como estagiário, consegue dar e receber, em uma relação dialógica entre os saberes e a prática, com a escuta das questões cognitivas e emocionais trazidas pelos estudantes. Pois, como Morin (2007, p. 20) assegura “há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais”.

Assim, a partir dessa relação de acolhimento estabelecida, identifica-se o grau de comprometimento e da necessidade de atendimento e do acompanhamento necessário do estudante em sua singularidade, para que se possa estabelecer mediações com outros setores e realizar os devidos encaminhamentos. E desde então o psicólogo em formação, sob a supervisão da psicóloga coordenadora do programa, exercita a prática do sigilo que, segundo o Conselho Federal de Psicologia (2005) “Art. 9º: – É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional”. Esse embasamento no código, oportuniza uma conduta ética daquele que se prepara para exercer sua profissão e gera o sentimento de respeito naquele que é atendido. Isso porque “todos os casos ao chegarem programa devem ser atendidos a partir dos princípios éticos da profissão e com respeito aos direitos humanos” (SARAIVA; JOCA, 2012, p.65).

A proposta das supervisões dos psicólogos em formação o PAP visa em um clima aprazível que envolva cognição e emoção, porque acredita que “em sua função primaz, a instituição educacional deve atentar para o imperativo ético de seguir além do conhecimento racional, explorando e estimulando os vários talentos na diversidade de aprendentes, reconhecendo, portanto, que cada sujeito tem o seu valor a ser descoberto (JOCA; CAVALCANTE JUNIOR, 2010, p.95).

O exercício ético vivenciado na prática e ganho de saberes dialogados, durante o estágio, têm proporcionado um leque maior de possibilidades e de enriquecimento na formação dos estudantes de psicologia e faz-nos implicar de forma significativa com a nossa própria formação. Mostrando, assim, que a Universidade, além de ser um local de formação de profissionais das mais diversas áreas, pode ser também promotora de um ambiente que favoreça a aceitação e inclusão das minorias e que ensina a valorização do outro em sua diversidade e o atuar com respeito às pessoas.

## **Considerações finais**

O estudo apresentado revela que a formação de profissionais psicólogos além de supor a preparação, através de um ensino de qualidade, faz-se necessário o diálogo entre teoria e prática para se construir exercício de uma prática assertiva com competência no uso dos saberes de sua área, através de práticas éticas e respeitadas diante da diversidade humana.

E, desse modo, podemos afirmar que nesta proposta de estágio, a qual traduz a semente de nossa práxis, revela-se a possibilidade de atuação do psicólogo a partir de uma postura crítica e pró-ativa frente as demandas da diversidade humana e sugere a quebra dos estigmas criados por uma sociedade excludente através de suas barreiras atitudinais. Ao que se pode acrescentar que diante das mudanças sociais, políticas e econômicas o psicólogo em IES é um agente de mudança e a sua formação deve ser atravessada por uma visão crítica e cidadã.

## Referências

- BIRMAN, Joel. Sujeito, Singularidade e Interpretação em Psicanálise. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, p.127-142, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v1n2/07.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.
- CASTANHO, D M; FREITAS ,S N. **Inclusão e prática docente no ensino superior**. Revista Educação Especial, 2005. Nº 27. Disponível em <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/01/a6.htm> .Acesso em 09 de abril de 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, 2005.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas Especiais – NEE In: **Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO**. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.
- GUZZO, R. S. L.(Org.). **Psicologia escolar : LDB e educação hoje**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2007
- JOCA, T. T. Circulando entre razão e emoção. In **Anais da Conferência Internacional SETE SABERES**. Disponível em <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/1117-07082010-165926>. 2010.
- JOCA, T. T.; CAVALCANTE JUNIOR, F. S. A educação necessita de eros. In. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 25, n.1, p. 88-99, jan./jun. 2010.
- JOCA, T. T.; MONTENEGRO, A. M. & DIAS, P. A. A educação inclusiva em IES através de um programa de apoio psicopedagógico. In **Anais da Conferência Internacional SETE SABERES**. Disponível em <http://www.uece.br/setesaberes/anais/index.html>, 2010.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E.; ALMEIDA, M. da C. de & CARVALHO, E de A (Orgs). Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Tradução Edgard de Assis Carvalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawaya. 12. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, D F: UNESCO, 2007
- PATTO, M. H. S.(Org.). **Introducao a psicologia escolar**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: a educação e a complexidade o ser e do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- PRETTE, Z. A. Del (Org.). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.
- SARAIVA, M. S. M. de F.; JOCA, T. T. Psicólogo em formação: compreendendo a ética para intervir e possibilitar a inclusão. In: JOCA, Terezinha T et al (Orgs.). **Anais IV encontro de inclusão social e acessibilidade** (pp. 61-67). Fortaleza, CE: UNIFOR/PAP, 2012. CD.
- YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. (Org.). **Escritos sobre a profissão de psicólogos no Brasil**. Natal: EDUFERN, 2010.